

AS EMOÇÕES COMO FORMA DE INTERAÇÃO NO MUNDO NATURAL E SOCIOCULTURAL

Caroline de Paula Bueno¹

Orientador: Claudinei Aparecido de Freitas da Silva²

RESUMO: O trabalho apresentado teve como foco central a teoria fenomenológica das emoções tal qual ela toma assento na obra juvenil de Sartre, o *Esboço para uma Teoria das Emoções* (1939). Nessa direção, o trabalho parte do objetivo geral que consiste, inicialmente, em determinar a estrutura intencional da emoção em sua figuração fenomênica. Podemos então, sumariamente, sintetizar a tese advogada por Sartre de que o fenômeno da emoção constitui uma essência transcendental e, nessa medida, a própria emoção se revela, antes de tudo, como uma forma de existir da consciência à medida em que essa deve transcender ela mesma. Ora, esse modo de existência singular só se compreende sob um pano de fundo radical: a experiência do mundo vivido. Trata-se de nosso entorno, do circuito mais amplo da existência integral. Por meio dessa vivência, o indivíduo acerca-se do mundo em sua totalidade, compreendendo que ele mesmo é um agente transformador, para, assim, poder, de fato, agir.

Palavras- chave: Jean-Paul Sartre. Fenomenologia. Emoção.

ABSTRACT: The work presented had as its central focus the phenomenological theory of emotions as it takes place in Sartre's youth work, the *Sketch for a Theory of Emotions* (1939). In this sense, the work starts from the general objective which consists, initially, of determining the intentional structure of emotion in its phenomenal figuration. We can then, summarily, summarize the thesis advocated by Sartre that the phenomenon of emotion constitutes a transcendental essence and, to this extent, emotion itself reveals itself, first of all, as a form of existence of consciousness to the extent that it must transcend herself. Now, this singular mode of existence can only be understood against a radical background: the experience of the lived world. It is about our surroundings, the broadest circuit of integral existence. Through this experience, the individual approaches the world in its entirety, understanding that he himself is a transformative agent, so that he can, in fact, act.

KEYWORDS: Jean-Paul Sartre. Phenomenology. Emotion.

¹ Doutoranda em Filosofia na área de Metafísica e Conhecimento do Programa de Pós-graduação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Mestre em Filosofia na área de Metafísica e Conhecimento do Programa de Pós-graduação da Unioeste (2022). E-mail: carol_bueno14@hotmail.com.

² Professor de Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), PR, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9321-5945>. E-mail: cafsilva@uol.com.br.

INTRODUÇÃO

O Esboço para uma Teoria das Emoções (1939/2008), obra elaborada ainda na juventude de Sartre, constitui um projeto pioneiro que recebe forte influência por conta do impacto da recepção crítica de autores como Kant, Hegel, Husserl e Heidegger. Sartre publicou esse trabalho como uma forma de reflexão sobre a Psicologia e, principalmente, como uma estratégia de reapropriação crítica da Fenomenologia de Husserl.

Com isso, mostraremos nesse trabalho a maneira como Sartre avalia, na contramão das teorias clássicas, que a consciência da emoção busca abordar a experiência do mundo que nos cerca. Por meio dessa vivência, o indivíduo acerca-se do mundo em sua totalidade, compreendendo que ele próprio é um agente transformador, para, assim, poder, de fato, agir. Aos olhos de Sartre, a emoção é uma forma de existir da consciência. Isso, aliás, também evidência sobre o quanto a emoção é realmente uma maneira de apreender o mundo, isto é, um fenômeno capital de todo ser em situação.

Além disso, para o filósofo francês, a fenomenologia consiste no estudo acerca dos fenômenos e não simplesmente dos fatos, já que uma emoção compõe, precisamente, segundo ele, uma estrutura intencional da consciência. É que a emoção possui essência própria e, por isso, seria improvável que ela venha de outro lugar que não seja a realidade mais íntima intencional da própria consciência individual.

AS EMOÇÕES COMO FORMA DE INTERAÇÃO NO MUNDO NATURAL E SOCIOCULTURAL

Início essa explanação situando a perspectiva da teoria fenomenológica sartriana no que concerne, substancialmente, ao estatuto acerca da problemática da emoção. A fenomenologia, conforme abordada por Jean-Paul Sartre, concentra-se na análise da experiência consciente, buscando compreender como os objetos e fenômenos se apresentam à consciência.

No contexto das emoções, Sartre critica a abordagem dos psicólogos que consideram a consciência das emoções como uma consciência reflexiva. Ele discorda dessa visão e argumenta que a experiência emocional não é uma reflexão posterior sobre um estado interno, mas sim uma parte integrante da própria experiência emocional.

Para entender a perspectiva de Sartre, é importante destacar sua concepção de consciência, que é influenciada pela fenomenologia de Edmund Husserl. Husserl defendia que a consciência não é apenas uma receptora passiva de informações, mas ativamente estruturada e dá significado aos objetos de sua experiência. Sartre também adota essa visão e a amplia para incluir o aspecto da liberdade.

Sartre argumenta que a consciência é sempre consciente de algo, ou seja, está direcionada para um objeto, e a consciência de algo implica uma intencionalidade, ou seja, a consciência visa ou direciona-se a esse objeto. Além disso, Sartre introduz a noção de "nada" na constituição da consciência. O "nada" representa a ausência do objeto que está sendo intencionalmente buscado pela consciência.

Voltando às emoções, Sartre acredita que as emoções não são simplesmente estados internos que a consciência posteriormente reflete. Pelo contrário, as emoções são imediatamente experienciadas como parte da própria consciência. Ele sugere que a emoção não é apenas um conteúdo interno que a consciência apreende, mas é uma maneira pela qual a consciência se relaciona com o mundo.

Para Sartre, as emoções estão entrelaçadas com a liberdade da consciência. A emoção não é apenas uma resposta automática a estímulos externos, mas envolve a escolha ativa da consciência em relação ao que a afeta emocionalmente. Por exemplo, o medo não é uma reação passiva a um estímulo ameaçador, mas uma escolha da consciência em se relacionar com esse estímulo como ameaçador.

Em suma, a perspectiva fenomenológica sartriana sobre a emoção enfatiza que a experiência emocional não é separada da consciência, mas é uma parte integrante dela. As emoções não são meros estados internos, mas são maneiras pela qual a consciência se relaciona com o mundo, refletindo sua liberdade e intencionalidade.

Segundo Sartre,

Ser é explodir para dentro do mundo, é partir de um nada de mundo e de consciência para subitamente explodir-como-consciência-no-mundo. Se a consciência tentar se reconstituir, coincidir enfim consigo mesma, então imediatamente, a portas fechadas, se aniquilará. Essa necessidade da consciência de existir como consciência de outra coisa que não ela mesma, Husserl a chama de "intencionalidade" (SARTRE, 2005, p. 57).

A intencionalidade é um conceito fundamental na fenomenologia. Refere-se ao direcionamento da consciência para objetos ou conteúdos mentais, ou seja, a consciência sempre está consciente de algo. Através desse direcionamento, a consciência cria um vínculo entre o sujeito consciente e o objeto de sua atenção, seja ele um objeto físico, uma ideia, uma memória, etc.

A consciência não é uma entidade isolada, mas uma relação ativa e dinâmica com o mundo. Ela é sempre "consciência de algo", e essa relação é o que permite à consciência conhecer e se envolver com o mundo externo.

Em relação às subdivisões da consciência, Sartre de fato categorizou diferentes tipos de consciência com base em suas características. A consciência posicional se refere à quando a consciência está focalizada em um objeto específico. A consciência não-posicional se refere a um estado mais difuso ou vago de consciência que não está direcionado para um objeto específico. A consciência irrefletida é aquela em que estamos engajados de maneira imediata, sem reflexão consciente sobre nossas ações ou experiências. A consciência reflexiva, por outro lado, envolve uma reflexão consciente sobre nossa própria experiência e ação.

Além disso, a distinção entre a consciência como totalidade e seus elementos individuais também é uma observação importante. Sartre reconheceu que a consciência é complexa e pode ser examinada em diferentes níveis, seja como uma totalidade unificada ou como um conjunto de elementos individuais que constituem essa totalidade.

Nas palavras de Sartre,

Usaremos o termo 'consciência' não para designar a mônada e o conjunto de suas estruturas psíquicas, mas para nomear cada uma dessas estruturas em sua particularidade concreta. Falaremos, portanto, de consciência da imagem, consciência perceptiva, etc., inspirando-nos num dos sentidos alemães da palavra 'Bewusstsein' (SARTRE, 1996, p. 13).

Sartre aborda a ideia de que a consciência é uma experiência intencional que se posiciona em relação aos objetos do mundo. Isso significa que a consciência não é uma mera observadora passiva, mas ativamente se projeta em direção aos objetos, conferindo-lhes um significado e uma posição em nossa percepção.

Essa "consciência posicional" implica que, ao perceber um objeto, a consciência está se direcionando para ele e, ao fazer isso, esgota-se nessa relação particular. No entanto, Sartre também introduz uma nuance intrigante ao afirmar que toda consciência posicional é simultaneamente uma consciência "não posicional" de si mesma. Isso significa que, ao perceber um objeto, a consciência também está, de alguma forma, ciente de si mesma como a fonte dessa percepção.

Para ilustrar isso, tomemos como exemplo uma consciência perceptiva que se dirige a um objeto transcendente. Enquanto a consciência está focalizada no objeto, ela também está, de alguma maneira, consciente de sua própria existência, embora isso possa ser de forma implícita ou não explicitamente consciente. Isso cria uma dinâmica complexa onde a consciência está continuamente se envolvendo com o mundo ao seu redor, mas também carregando consigo uma noção subterrânea de sua própria existência.

De acordo com Jean-Paul Sartre, a consciência é uma característica central da existência humana, e sua análise fenomenológica se concentra em como a consciência se relaciona com o mundo e com ela mesma. Sartre sugere que a consciência é sempre consciente de algo, ou seja, ela é intencional e se dirige para um objeto. No entanto, ele também argumenta que a consciência está sempre ciente de si mesma nesse ato de direcionar-se para um objeto. Portanto, a consciência explícita de um objeto é simultaneamente uma consciência implícita de si mesma. Em outras palavras, quando estamos conscientes de algo, também estamos conscientes do ato de estar conscientes.

Consciência Irrefletida e Reflexiva: A consciência irrefletida é a consciência em seu estado mais imediato, quando estamos simplesmente envolvidos com o mundo, sem questionar ou refletir sobre nossas experiências. É uma forma de consciência pré-reflexiva e natural, onde não estamos explicitamente pensando sobre o processo de consciência em si. Por outro lado, a consciência reflexiva

envolve uma espécie de autorreflexão, onde a consciência se volta para si mesma. Isso inclui dois aspectos:

Consciência Reflexionante: é a capacidade da consciência de refletir sobre suas próprias atividades. Nesse estado, a consciência torna-se ciente de suas operações e processos internos.

Consciência Refletida: aqui, a consciência volta-se para o próprio conteúdo do pensamento ou experiência, tornando-se objeto de sua própria reflexão. A consciência refletida é aquela que se observa, analisa e considera.

Portanto, a consciência reflexiva envolve tanto a consciência que reflete (consciência reflexionante) quanto o que é refletido (consciência refletida). Sartre argumenta que a consciência irrefletida é fundamental, porque é a forma original de consciência que está sempre presente em nossa experiência diária, antes mesmo de começarmos a refletir sobre nossas ações ou pensamentos. A consciência reflexiva surge quando começamos a questionar e analisar nossa própria consciência.

Segundo McCulloch,

Sartre considera que todo episódio consciente põe um objeto intencional. Mas entre tais objetos intencionais estão os próprios atos de consciência. Eu posso pensar sobre a Torre Eiffel, e então pensar sobre esse próprio ato [...]. A esse modo de autoconsciência [selfawareness] ele chama de 'consciência reflexiva' ou 'autoconsciência tética' [...]. Entretanto, Sartre enfatiza que essa não é a única forma de autoconsciência de que nós desfrutamos. Ele alega que em adição a essa autoconsciência reflexiva e explícita, que é apenas um caso especial de um ato de consciência pondo um objeto intencional, nós também sempre estamos ao menos implicitamente autoconscientes, de um modo especial, mesmo se não estamos explicitamente refletindo (MCCULLOCH, 1994, p. 9).

Sartre então observa que,

A consciência emocional é primeiramente irrefletida e, nesse plano, ela só pode ser consciência dela mesma no modo posicional. A consciência emocional é, em primeiro lugar, consciência do mundo. Não é sequer necessário ter presente toda a teoria da consciência para compreender claramente esse princípio (SARTRE, 2014, p. 55-56).

De acordo com Sartre, a emoção desempenha um papel fundamental na forma como percebemos o mundo. a emoção não é apenas uma reação subjetiva a eventos externos, mas uma parte integrante da nossa percepção do mundo. Isso ocorre porque a emoção está enraizada em nossos corpos e nossa existência, e influencia a maneira como experimentamos e interpretamos os eventos ao nosso redor. A emoção, para Sartre, não é algo que está separado da percepção, mas sim uma parte intrínseca dela.

Sartre também enfatiza a importância da consciência na experiência humana. Ele rejeita a ideia de um "inconsciente" no sentido freudiano, argumentando que as ações humanas não são determinadas por impulsos inconscientes, mas sim pela escolha consciente. Acredita com isso que somos sempre conscientes de nossas ações e escolhas, mesmo que possamos tentar nos enganar ou ignorar essa consciência.

Pode-se exemplificar isso quando Sartre considera que a ordem e as palavras escolhidas para a escrita não podem ser inconscientes, ele está se referindo ao fato de que, todas as nossas ações e escolhas são conscientes de alguma forma. Isso está alinhado com sua ênfase na liberdade e responsabilidade humanas, onde as escolhas que fazemos são manifestações de nossa consciência e não são determinadas por fatores inconscientes. Ele considera que atribuir ações humanas a um "inconsciente" seria contraditório com sua visão da liberdade e autenticidade humanas.

Com isso retomamos o conceito de consciência espontânea irrefletida e consciência reflexiva. Sartre argumenta que a consciência irrefletida é uma forma de consciência que está sempre presente e ativa em nossa experiência cotidiana. Ela é a consciência que temos do mundo de maneira imediata, sem análise ou reflexão profunda.

Para Sartre, essa consciência irrefletida não pode ser considerada inconsciente, pois, embora não estejamos sempre refletindo sobre ela, ela ainda é uma parte ativa e consciente da nossa experiência. Ele destaca que, mesmo quando não estamos pensando diretamente sobre nossas ações ou percepções, estamos conscientes delas de alguma forma. Essa consciência irrefletida é inseparável de nossa existência no mundo e é uma característica fundamental do ser humano.

Sartre também argumenta que a consciência irrefletida não é uma forma de consciência "inferior", mas sim uma dimensão importante da experiência humana. Ela é o que nos permite nos envolver com o mundo de maneira direta, sem a necessidade constante de análise consciente. Portanto, ele acredita que essa consciência irrefletida não deve ser confundida com o inconsciente, pois ela está intrinsecamente ligada à nossa existência consciente.

Ou seja, mesmo quando não estamos pensando conscientemente sobre nossas ações e percepções, ainda estamos conscientes delas em algum nível. O autor rejeita a ideia de que podemos agir de maneira inconsciente ou automática, afirmando que todas as nossas ações são manifestações de nossa consciência, mesmo que essa consciência não esteja sempre na forma de reflexão consciente.

Sartre critica os psicólogos por entenderem a emoção como algo que surge como uma reflexão consciente. Ele argumenta que a emoção não é algo que aparece posteriormente como uma consciência reflexiva, mas sim que a consciência emocional é primária e imediata. Em vez de refletirmos sobre a emoção depois que ela ocorre, Sartre argumenta que a própria emoção é parte da nossa experiência consciente fundamental.

Além disso, Sartre destaca a noção de "consciência espontânea irrefletida". Ele entende que muitas de nossas ações e experiências cotidianas não são precedidas por uma reflexão consciente. Em vez disso, agimos de forma espontânea, respondendo diretamente ao mundo ao nosso redor. Essa consciência espontânea irrefletida não é inconsciente, pois não está oculta de nós; é uma parte intrínseca da nossa experiência consciente, mesmo que não a analisemos de forma explícita. Nesse contexto, a emoção não é apenas uma resposta passiva a estímulos externos, mas sim uma força ativa que molda nossa relação com o mundo.

Retomamos o exemplo do ato de escrever para ilustrar esse conceito. Sartre argumenta que, ao escrever, você não está simplesmente seguindo um padrão pré-determinado ou mecânico. Em vez disso, você está conscientemente escolhendo palavras, organizando pensamentos e expressando ideias de uma maneira que reflete sua subjetividade e intenção. Sua emoção, sua consciência dirigida pelo seu próprio eu, desempenha um papel fundamental nesse processo. Cada palavra que

você escolhe, cada frase que você constrói, é uma manifestação da sua liberdade e da sua capacidade de transformar o mundo ao seu redor.

Em resumo, na visão sartriana, a emoção não é apenas uma resposta passiva, mas sim uma força ativa que transforma nossa relação com o mundo. O ato de escrever e outras atividades aparentemente rotineiras se tornam oportunidades para expressar nossa liberdade e autenticidade, à medida que conscientemente moldamos nossa interação com o mundo ao nosso redor.

Com isso, percebemos como a mudança de intenção e a mudança de conduta podem influenciar a maneira como percebemos e interagimos com o mundo ao nosso redor. A noção de: "viver todas as relações das coisas com suas potencialidades como se não estivessem reguladas por processos deterministas, pela magia", sugere que, ao adotarmos uma perspectiva mais aberta e não-determinista, somos capazes de enxergar as possibilidades de transformação e crescimento.

Além disso, as emoções também desempenham um papel nesse processo de transformação. A ideia de que: "na emoção é o corpo que, dirigido pela consciência, muda suas relações com o mundo para que o mundo mude suas qualidades", enfatiza como nossas emoções não são meramente reações passivas, mas podem ser direcionadas conscientemente para influenciar a maneira como percebemos o mundo e como ele nos afeta.

Tomemos como exemplo a situação de um indivíduo que, em frente ao perigo de ataque, aja por meio de um medo passivo, e, em função disso, acaba desmaiando; isso ilustra como a consciência pode usar mecanismos como o desmaio para lidar com situações ameaçadoras, mesmo que isso envolva a supressão temporária da própria consciência. Isso também destaca a complexidade das respostas humanas diante de situações de perigo e a interação entre aspectos psicológicos e físicos.

Para Sartre,

A fuga é um desmaio representado, é uma conduta mágica que consistem em negar o objeto perigoso com todo o nosso corpo, invertendo a estrutura vetorial do espaço onde vivemos ao criar bruscamente uma direção potencial, do outro lado. É um modo de esquecer-lo, de negá-lo (SARTRE, 2014, p. 66).

Explicamos, de acordo com Sartre, a fuga é uma reação ativa ao medo. Ao contrário do medo passivo, onde a pessoa simplesmente se deixa dominar pela emoção, a fuga é uma tentativa consciente de se afastar da situação ameaçadora. Sartre comparou a fuga ao desmaio, onde a consciência busca criar uma nova direção para escapar do perigo percebido. Essa fuga pode ocorrer tanto mentalmente, ao criar um mundo alternativo menos desafiador, quanto fisicamente, ao mudar de local ou situação para evitar o que causa medo. Ela é vista como uma forma de negar ou esquecer temporariamente o perigo, ao buscar um ambiente mais seguro ou mais confortável.

Sartre também analisou a tristeza, que pode se manifestar de maneira passiva ou ativa. A tristeza passiva seria a sensação de estar submerso na emoção, incapaz de agir ou de responder ativamente. Isso pode levar a uma sensação de desespero e impotência diante das circunstâncias. Por outro lado, a tristeza ativa envolve uma reação consciente e uma busca por significado mesmo na tristeza. Sartre argumenta que a tristeza ativa poderia ser transformada em uma força criativa, onde a pessoa confronta a realidade dolorosa e busca compreender seu lugar nela. Nesse sentido, a tristeza ativa poderia ser vista como uma forma de enfrentamento e crescimento pessoal.

De acordo com Sartre,

A tristeza visa a suprimir a obrigação de buscar esses novos meios, de transformar a estrutura do mundo substituindo sua constituição presente por uma estrutura totalmente indiferenciada. Trata-se, em suma, de fazer do mundo uma realidade afetivamente neutra, um sistema de equilíbrio afetivo total, de abandonar os objetos com forte carga afetiva, de levá-los todos ao zero afetivo e, desse modo, apreendê-los como perfeitamente equivalentes e intercambiáveis (SARTRE, 2014, p. 67).

A tristeza passiva, pode ser vista como um mecanismo de autoproteção. Nesse estado, o indivíduo se distancia emocionalmente do mundo e das situações que causam sofrimento. Essa reação pode ser uma tentativa de criar um espaço de segurança emocional, uma vez que as emoções dolorosas podem ser avassaladoras. O indivíduo se retira internamente para minimizar a exposição à dor.

Na tristeza ativa, há o fenômeno da recusa. Isso significa que a pessoa confronta ativamente a emoção e as situações difíceis, negando atitudes que não

deseja ou evitando enfrentar aspectos desafiadores. A tristeza ativa pode ser um processo de afirmação de sua identidade e desejos, em vez de simplesmente ser dominada pela tristeza. Isso pode envolver uma escolha consciente de como lidar com a situação e a emoção associada.

O autor enfatiza que emoções não são simplesmente representações mentais, mas sim estados do corpo que influenciam o comportamento. Como resultado, a mesma emoção pode se manifestar de maneiras diferentes em indivíduos distintos ou em situações diversas. As reações emocionais são moldadas por fatores individuais, históricos, culturais e contextuais. Portanto, medos e tristezas podem assumir diversas formas e intensidades em diferentes circunstâncias.

Alegria-Sentimento e Alegria-Emoção: Sartre faz uma distinção entre alegria-sentimento e alegria-emoção. A alegria-sentimento é vista como um estado mais equilibrado e adaptado. É um sentimento que surge quando as circunstâncias estão em harmonia com os desejos e as expectativas do indivíduo. É uma espécie de satisfação tranquila e serena que não é excessivamente efusiva. Por exemplo, sentir alegria ao estar em um ambiente familiar e confortável pode ser considerado um exemplo de alegria-sentimento.

Por outro lado, a alegria-emoção é mais intensa e efervescente. Ela é caracterizada pela impaciência e pela excitação. Essa forma de alegria surge quando há um encontro repentino com algo desejado, quando algo que foi esperado acontece subitamente. Pode envolver uma sensação de euforia, entusiasmo e até mesmo um senso de urgência. Por exemplo, a alegria-emoção pode ser sentida quando alguém recebe uma notícia inesperada e emocionante.

Sartre classifica a alegria-emoção dessa maneira devido à sua intensidade e natureza efêmera. A alegria-emoção é mais impulsiva e pode não durar muito tempo, pois está ligada a eventos específicos que provocam essa reação emocional intensa. A impaciência associada a essa forma de alegria reflete o senso de urgência em aproveitar ou experienciar completamente o momento de satisfação.

Sartre estava interessado em explorar como diferentes emoções influenciam a relação entre o indivíduo e o mundo. A distinção entre alegria-sentimento e alegria-emoção mostra como as emoções podem variar em termos de intensidade,

duração e contexto. Suas análises incentivam a compreensão de como as emoções podem moldar nossa percepção do mundo e nossa interação com ele.

Conforme Sartre,

O sujeito alegre se comporta muito exatamente como um homem em estado de impaciência. Não fica quieto, faz mil projetos, esboça condutas que abandona em seguida, etc. É, de fato, sua alegria foi provocada pelo aparecimento do objeto de seus desejos (SARTRE, 2014, p. 70).

Sartre argumenta que a alegria está relacionada à realização momentânea do desejo de possuir um objeto desejado. Ele ilustra esse conceito usando o exemplo de alguém que reencontra uma pessoa amada após um longo período de separação. Nesse momento, a alegria é vivenciada intensamente, como uma espécie de "encantamento". A pessoa sente uma sensação de totalidade e satisfação, como se tivesse alcançado a posse completa do objeto desejado.

No entanto, Sartre também ressalta que essa alegria é efêmera e tende a se atenuar com o tempo. Ele explica que essa efemeridade ocorre porque, na realidade, nunca podemos possuir completamente o objeto desejado como uma "totalidade instantânea". O objeto é separado de nós por sua própria existência e identidade. Não podemos possuir outra pessoa ou objeto de desejo de maneira absoluta, porque eles têm suas próprias experiências, pensamentos e emoções.

Sartre usa o exemplo de um homem que recebe uma declaração de amor de uma mulher. Nesse momento, o homem experimenta alegria e sente que possui o objeto de desejo, nesse caso, o sentimento de amor da mulher. Ele canta, dança e se entrega à sensação de posse. No entanto, essa posse é efêmera, pois o sentimento da mulher é dela e independente do homem.

Essa ideia de que a alegria é um momento mágico de "encantamento" e posse temporária do objeto desejado destaca a complexidade das relações humanas e como as emoções estão intrinsecamente ligadas à maneira como interpretamos e interagimos com o mundo ao nosso redor. As reflexões de Sartre sobre a alegria e a posse também enfatizam a natureza fugaz das emoções intensas e como elas são influenciadas por nossa percepção do objeto de desejo.

Sartre deixa claro que as emoções são altamente variáveis e que os exemplos que ele fornece (medo, tristeza, alegria) são apenas algumas situações ilustrativas. Cada emoção pode se manifestar de maneiras diferentes em contextos distintos e em indivíduos diferentes. Além disso, enfatiza que as emoções não são simplesmente estados internos abstratos, mas estão ligadas à crença. Isso significa que a experiência emocional não é apenas um sentimento isolado, mas também envolve uma interpretação cognitiva da situação que a desencadeia. Nesse sentido, uma emoção genuína não pode ser simplesmente produzida ou dissipada por um ato de vontade; ela surge como uma resposta autêntica a uma crença ou interpretação particular.

Sartre destaca ainda, que a emoção é um comportamento do corpo, um fenômeno que ocorre de forma espontânea e inerente ao estado emocional. A emoção não é apenas uma representação mental ou um comportamento consciente, mas é expressa através do corpo e influencia a maneira como agimos e nos relacionamos com o mundo.

Em suas análises das emoções destaca-se como elas são inerentemente ligadas à condição humana, moldando nossa percepção da realidade e influenciando nosso comportamento. Cada emoção é única em sua expressão e significado, e o entendimento delas é fundamental para uma compreensão mais profunda da experiência humana.

Sartre descreve a consciência como algo que busca novos modos de ser quando se depara com obstáculos ou desafios. Quando os caminhos que estamos seguindo são bloqueados, a consciência busca alternativas para compreender e lidar com a situação. É nesse ponto que as emoções desempenham um papel importante. Através das emoções, a consciência cria uma espécie de mundo mágico ou imaginário que lhe permite se envolver com a situação de maneira diferente.

Quando a consciência se emociona, ela se aproxima do estado de sonho ou sono, onde lança-se em um "mundo novo". Isso significa que a consciência, ao se emocionar, transcende a realidade imediata e transforma sua relação com o mundo circundante. Ela utiliza as emoções como uma ferramenta para explorar alternativas, enfrentar desafios e, de certa forma, reconfigurar sua percepção da situação.

Além disso destaca-se que, ao se emocionar, a consciência transforma seu corpo como uma "totalidade sintética". Isso significa que a emoção não é apenas um estado mental isolado, mas que também afeta todo o corpo e sua maneira de interagir com o mundo. Através das emoções, o corpo se torna um meio pelo qual a consciência apreende e reage a esse "mundo novo" que ela criou.

Nessa visão, as emoções são consideradas como um mecanismo fundamental para a adaptação da consciência às situações desafiadoras, permitindo-lhe explorar diferentes perspectivas e responder de maneira criativa e envolvente. Ao utilizar o "mundo mágico" das emoções, a consciência pode encontrar novas formas de significado, enfrentamento e interação com a realidade.

Para Sartre,

A origem da emoção é uma degradação espontânea e vivida da consciência diante do mundo. O que ela não pode suportar de uma certa maneira, procura captar de outra maneira, adormecendo, aproximando-se das consciências do sono, do sonho e da histeria. E a perturbação do corpo não é senão a crença vivida da consciência, enquanto ela é vista do exterior (SARTRE, 2014, p. 77).

Nas análises de Sartre, a consciência está imersa nas emoções de tal forma que não está constantemente ciente de como está sendo moldada ou transformada por elas. Em vez disso, a consciência se envolve com as emoções como um ato direto, sem necessariamente refletir profundamente sobre seu próprio funcionamento interno.

Isso leva à noção de que a consciência é uma "vítima" de sua própria armadilha. Ela não vive plenamente o aspecto de transformação que ocorre durante a experiência emocional, porque não está totalmente consciente da influência das emoções sobre sua percepção e comportamento. Sartre está chamando a atenção para a falta de autoconhecimento ou autoconsciência nesse contexto, e como isso pode limitar a compreensão completa da consciência sobre si mesma e sobre o mundo.

Esse aspecto destaca o desafio de compreender a dinâmica complexa entre a consciência, as emoções e a percepção da realidade. Isso também destaca a natureza paradoxal da consciência, onde estamos cientes de muitas coisas, mas também somos limitados por nossa própria percepção limitada de nós mesmos.

CONCLUSÃO

Esse trabalho abordado aqui leva em conta a posição de Sartre seguindo a abordagem fenomenológico existencial sobre as emoções. Trata-se de uma abordagem que vai na contramão das teorias clássicas, entendendo assim que a consciência da emoção busca abordar a experiência do mundo que nos circunda. É através dessa vivência que o indivíduo irá se acercar do mundo em sua totalidade e com isso, compreender que ele mesmo é um agente transformador, podendo, de fato, agir, ou seja, a emoção é uma forma de existir da consciência enquanto fonte de toda práxis. Para Sartre, precisamos compreender o fenômeno da emoção como uma essência transcendental deixando de lado o pensamento dicotômico entre o fisiológico e o psicológico. É esse o interesse pelo qual o tratamento do fenômeno requer uma compreensão mais profunda do corpo como ser afetivo.

REFERÊNCIAS

MCCULLOCH, Gregory. *Using Sartre: An Analytical Introduction to Early Sartrean Themes*. Londres; Nova Iorque: Routledge, 1994.

SARTRE, Jean. Paul. *O imaginário: psicologia fenomenológica da imaginação*. São Paulo: Editora Ática, 1996.

_____. *Situações I*. Tradução Cristina Prado. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

_____. *Esboço para uma teoria das emoções*. Tradução Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2014.